

TRADUÇÃO

ESSA GUERRA É UMA GUERRA RELIGIOSA

Simone Weil¹

Tradução de Enio Paulo Giachini

Os homens sempre sonharam em suprimir o problema religioso. Era o sonho de Lucrécio. “Quanto a religião tem sido capaz de aconselhar crimes! Os enciclopedistas achavam ter conseguido esse feito. Sua influência, de fato, foi sentida em todos os países, em todos os continentes.

E, portanto, hoje talvez não existe um único ser humano no mundo que não sofra em sua vida íntima, cotidiana, em consequência de um drama religioso único, que tem como palco todo o planeta.

O fato de que o homem não pode evitar o problema religioso é que a oposição do bem e do mal é um fardo intolerável para ele. A moral é algo em que ele não consegue respirar.

Uma tradição albigense diz que o diabo seduziu as criaturas dizendo-lhes: “Com Deus você não é livre, pois você só pode fazer o bem. Siga-me e você terá o poder de escolher fazer o bem e o mal”. A experiência confirma essa tradição, pois a inocência é perdida todos os dias pela atração do conhecimento e da experiência, bem mais do que pela atração do prazer.

O homem seguiu o diabo. Ele recebeu o que o diabo prometeu a ele. Mas, de posse do bem e do mal, ele está tão à vontade como uma criança que teria na mão um carvão em brasa. Ele gostaria de jogar fora a brasa, mas percebe que é difícil.

Existem três métodos para conseguir isso.

O primeiro é irreligioso. Consiste em negar a realidade da oposição entre o bem e o mal. Nosso século tentou isso. Uma fala horrível de Blake teve uma grande repercussão entre nossos contemporâneos.

“É melhor estrangular uma criança em seu berço do que manter em seu coração um desejo não realizado.”

¹ Extraído de WEIL, S. *Écrits de Londres et dernières lettres*. Paris: Éditions Gallimard, 1957, p. 98-108. Collection Espoir.

Só que não é o desejo que direciona o esforço, é o objetivo. A essência do homem é o esforço orientado; os pensamentos da alma, os movimentos do corpo são apenas formas. Quando a orientação desaparece, o homem fica louco, no sentido literal e medicinal da palavra. É por isso que esse método, baseado no princípio de que tudo vale a pena, deixa você louco. Embora não imponha qualquer restrição, precipita o homem em um tédio semelhante ao dos infelizes condenados à prisão de uma cela, e cuja maior dor é não ter nada para fazer.

A Europa caiu neste tédio desde a outra guerra. É por isso que ela quase não fez nenhum esforço para escapar dos campos de concentração.

Na prosperidade, com recursos superabundantes, tentamos enganar o tédio jogando. Não são jogos de crianças que acreditam em seus jogos, mas jogos de homens maduros em cativeiro.

Mas, no infortúnio, as forças não são suficientes para as necessidades. Já não aparece o problema de saber como direcionar as forças. O homem não tem mais do que sua esperança para direcionar. A esperança do infortunado não é uma questão de jogo, o vazio torna-se então insuportável. O sistema que postula que tudo vale a pena é rejeitado com horror.

Foi o que aconteceu na Europa. As nações tiveram esse movimento em sequência na medida em que eram tomadas pelo infortúnio.

O segundo método é a idolatria. É um método religioso, se tomarmos a palavra *religião* no sentido adotado pelos sociólogos franceses, a adoração da realidade social sob nomes de várias divindades. É o que Platão comparou ao culto de um grande animal.

Este método consiste em delimitar uma região social dentro da qual o par de opostos bem e mal não tem permissão de entrar. Como parte desta região, o homem não está mais sujeito a este par de opostos.

O uso desse método é frequente. Um cientista, um artista, muitas vezes pensa estar, como tal, livre de toda obrigação, tendo feito da ciência, da arte, um espaço fechado onde a virtude e o vício não penetram. Da mesma forma também às vezes um soldado, um padre; Isso explica os saques de cidades e a Inquisição. De um modo geral, ao longo dos séculos essa arte de compartimentalização produziu muitas monstruosidades por homens que não pareciam ser monstros.

Mas quando é parcial o método é defeituoso. Um estudioso não é libertado do par de opostos bem e mal enquanto pai, marido, cidadão. Para que a libertação seja total, a área da qual a oposição do bem e do mal é excluída deve ser tal que um homem possa entrar nela inteiramente.

Uma nação pode desempenhar esse papel. Este foi o caso na Antiguidade para Roma e para Israel. Desde que um romano deixou de existir a seus próprios olhos em qualquer outro aspecto a não ser como romano, ele foi libertado do bem e do mal. Foi governado apenas pela lei puramente animal da expansão. Não precisava pensar em outra coisa senão em dominar os povos como senhor absoluto, poupando mais ou menos aqueles que obedeciam, esmagando aqueles que se opunham ao seu orgulho. Os meios empregados não importavam, desde que fossem eficientes.

Uma igreja também pode desempenhar o mesmo papel. A aparição da Inquisição na Idade Média mostra que uma corrente de totalitarismo provavelmente escorregou para o cristianismo. Felizmente ele não o destruiu; mas talvez ele tenha abortado essa civilização cristã que a Idade Média estava prestes a produzir.

Hoje em dia, apenas as nações desempenham essa função, não diretamente, mas através de um partido do Estado e das organizações que o cercam. Nos países de partido único, o membro do partido que abdicou de uma vez por todas de qualquer outra perspectiva não está mais sujeito ao pecado. Pode ser desajeitado, como um criado que quebra um prato. Mas o que quer que faça, ele não pode fazer mal, pois ele é exclusivamente o membro de um corpo, o partido, a nação, que não pode causar dano algum.

Ele só perde essa proteção, essa armadura, se de repente se tornar um ser de carne e osso, ou um ser que tenha uma alma, enfim, algo que não seja uma parcela desse corpo. Mas o privilégio de ser livre do bem e do mal é tão precioso que muitos homens e mulheres escolheram definitivamente permanecem inflexíveis diante do amor, da amizade, do sofrimento físico e da morte.

Isso tem um custo para eles, e não é de se admirar que, em contrapartida, sintam prazer em torturar os fracos. Eles precisam provar experimentalmente a si mesmos a realidade dessa licença absoluta, da qual pagaram um alto preço pelo privilégio.

Como se dá em relação à indiferença frente ao bem e ao mal, tal idolatria leva a uma espécie de loucura. Mas estas são duas loucuras muito diferentes. A Alemanha contraiu a primeira em grau mais elevado do que qualquer outro país da Europa. Sua reação foi proporcionalmente violenta. Mas se lançando de volta com desespero na segunda dessas duas loucuras, ela manteve muito da primeira. Sua combinação produziu há alguns anos o que tem sido o horror e o que apavora o mundo.

No entanto, não devemos esquecer que a Alemanha é para todos nós, pessoas do século XX, um espelho. O que vemos de tão hediondo lá são nossas próprias

características, apenas ampliadas. Este pensamento não deve tirar a energia da luta, pelo contrário.

A idolatria é degradante. Felizmente, ela é cada vez mais precária. Porque o ídolo é perecível. Também Roma, por sua vez, acabou sendo saqueada e reduzida à servidão. Os contos nos relatam muitas histórias de gigantes que ninguém pode ferir, porque eles esconderam suas almas em um ovo que está em um peixe que está em um lago distante e guardado por dragões. Mas um dia um jovem descobre o segredo, agarra o ovo e mata o gigante. É porque o gigante havia cometido a imprudência de esconder sua alma em algum lugar nesta terra, neste mundo. Uma jovem S.S. comete a mesma imprudência. Para estar em segurança, é preciso esconder sua alma em outro lugar.

A arte de alcançar essa superação é o terceiro método, que é a mística. A mística é a passagem para além da esfera onde se opõem o bem e o mal, e isto pela união da alma com o bem absoluto. O bem absoluto é algo diferente do bem que é o oposto e o correlativo do mal, embora seja seu modelo e princípio.

Essa união é uma operação real. Quando uma moça jovem, depois de ter tido um marido ou um amante, não é mais virgem, e igualmente uma alma, tendo passado por essa união, tornou-se outra para sempre.

Esta é uma transformação ao contrário do que aconteceu quando as criaturas seguiram o diabo. Conseqüentemente, é uma operação difícil, e até mesmo impossível, contrária à lei da degradação da energia, e muito mais do que a transformação do calor em movimento. Mas o impossível é possível para Deus. Num certo sentido, apenas o impossível é possível para Deus. Ele entregou o possível aos mecanismos da matéria e à autonomia das criaturas.

Os processos e efeitos dessa transformação foram estudados experimentalmente, em todos as suas minúcias, na antiguidade pelos egípcios, gregos, hindus, chineses e provavelmente muitos outros, na Idade Média, por várias seitas budistas, por muçulmanos e cristãos. Durante séculos, essas coisas foram mais ou menos esquecidas em todos os países.

A própria natureza de tal transformação nos impede de esperar vê-la realizada num povo inteiro. Mas toda a vida de um povo pode ser impregnada de uma religião inteiramente orientada para a mística. Essa orientação, por si só, distingue a religião da idolatria.

Quase que a escola sociológica francesa tem razão em sua explicação social da religião. Há um detalhe infinitesimal para que ela tenha razão. Somente que esse

detalhe infinitesimal é o grão de mostarda, a pérola no campo, o fermento na massa, o sal na comida. Este detalhe infinitamente pequeno é Deus, isto é, infinitamente mais do que qualquer coisa.

Na vida de um povo, como na vida de uma alma, trata-se apenas de colocar esse infinitamente pequeno no centro. Tudo que não tenha contato direto deve estar impregnado pela intermediação da beleza. Isso foi quase realizado na Idade Média romana, neste período prodigioso onde diariamente os olhos e ouvidos dos homens estavam cheios de beleza perfeitamente simples e pura.

Entre um regime de trabalho que abre aos homens a beleza do mundo e outro que a fecha, a diferença é infinitamente pequena. Mas esse infinitamente pequeno é real. Onde ele está ausente, não há imaginação que possa substituí-lo.

Em todos os lugares e sempre, se é permitido usar tais palavras como um resumo, até recentemente, o sistema de trabalho tem sido corporativo. Instituições como a escravidão, a servidão, o proletariado, se juntaram à organização corporativa como um câncer para um órgão. Por alguns séculos, o câncer substituiu o órgão.

Quando o fascismo propõe a fórmula corporativa, o faz com a mesma sinceridade que quando fala da paz. Além disso, nada do que hoje é conhecido como corporativismo tem algo em comum com as velhas corporações. O antifascismo também pode um dia adotar essa fórmula e, por trás dessa cortina, cair em um capitalismo de estado totalitário. Um verdadeiro regime corporativo não crescerá em um ambiente onde não será preparado espiritualmente.

O infortúnio recaiu sobre a Alemanha na forma da crise econômica; ele a empurrou violentamente do vazio da indiferença para uma fúria de idolatria. O infortúnio recaiu sobre a França na forma de uma conquista. A idolatria nacional não é possível para um povo subjugado.

Dos três métodos para se livrar da oposição entre o bem e o mal, nenhum é acessível aos escravos ou aos povos escravizados. Por outro lado, todos os dias, a dor e a humilhação trazem para dentro deles o mal do exterior, que desperta o mal interior na forma de medo ou ódio. Eles não conseguem esquecer o mal nem dele se livrar e, assim, vivem na melhor imitação terrena do inferno.

Mas os três métodos não são igualmente inacessíveis. Dois são impossíveis. O sobrenatural é apenas difícil. Não há acesso a ele a não ser através da pobreza espiritual. Do mesmo modo que a virtude da pobreza espiritual é indispensável para os ricos a fim de remover a impureza da riqueza, também é indispensável para

os miseráveis a fim de impedir que se decomponham na miséria. Ela é difícil para ambos. A Europa escravizada e oprimida não irá alcançar libertação, a não ser que, nesse ínterim, a virtude da pobreza espiritual tenha se enraizado.

Em termos de civilização, as massas não são criativas se as elites autênticas não lhes infundirem inspiração. É necessário hoje que uma elite ilumine entre as massas miseráveis a virtude da pobreza espiritual. Para que isso aconteça, os membros desta elite devem primeiro ser pobres, não apenas espiritualmente, mas de fato. Eles devem sofrer diariamente, em suas almas e em sua carne, as dores e humilhações da miséria.

Não é uma nova ordem franciscana que é necessária. Um hábito, um convento, é uma separação. Essas pessoas devem estar na massa e tocá-la sem que nada atrapalhe. E, o que é mais difícil do que suportar a miséria, eles não devem se permitir qualquer compensação; eles devem ter sinceramente em suas relações com as massas ao seu redor a mesma humildade que um homem naturalizado em relação aos cidadãos do país que o recebeu.

Se tivéssemos entendido que essa guerra seria um drama religioso, poderíamos ter previsto em alguns anos quais nações seriam os atores, quais seriam as vítimas passivas. As nações que não viviam uma religião só poderiam ser vítimas passivas. Este foi o caso da maior parte da Europa. Mas a Alemanha vive de uma idolatria. A Rússia vive de outra idolatria; talvez também, sob essa idolatria, alguns restos de um passado renegado voltem a tremular. E embora a Inglaterra seja corroída pelas doenças do século, há uma tal continuidade na história deste país, um tal poder de vida em sua tradição, que algumas raízes ainda extraem seiva de um passado impregnado de luz mística.

Houve um momento em que a Inglaterra se viu diante da Alemanha como uma criança de mãos vazias e sozinha diante de um bruto que brandia um revólver em cada mão. Uma criança nessa situação não pode fazer muito. Mas se ela olhar friamente para o bruto em seus olhos, é certo que o bruto vai hesitar por alguns instantes.

Foi o que aconteceu. A Alemanha, para se esconder dessa hesitação, para se entregar a um alibi, se lançou contra a Rússia e ali rompeu com o melhor de suas forças. Os rios de sangue derramados pelos soldados russos quase jogaram no esquecimento o que precedeu. No entanto, esse momento de silêncio e imobilidade da Inglaterra ainda merece uma lembrança imperecível. Esta parada das tropas alemãs no canal é a parte propriamente sobrenatural nesta guerra. Como sempre,

uma parcela negativa, imperceptível, infinitamente pequena e decisiva. As ondas do mar vão longe, mas algo as impede. A antiguidade sabia que Deus é aquele que impõe um limite.

Houve um tempo em que em todos os muros da França estavam anexados cartazes que diziam: “Nós venceremos porque somos os mais fortes”. Foi o mote mais estúpido desta guerra. O momento decisivo foi quando nossa força se tornou praticamente nula. A força inimiga parou porque a força, não sendo divina, está sujeita ao limite.

A guerra se espalhou para outros continentes. A idolatria que anima o Japão talvez seja ainda mais violenta do que a de qualquer outro povo. Nos Estados Unidos, a crença democrática ainda está viva, enquanto na França, por exemplo, antes mesmo da guerra, antes mesmo de Munique, ela estava quase morta. Mas nossa época é um período de idolatria e de fé, e não mera crença. Para a América, a guerra ainda é recente e amortizada pela distância. Mas em seu choque, por menos que dure, é quase certo que provocará profundas transformações.

A Europa continua no centro do drama. Do fogo lançado à terra por Cristo, talvez o mesmo o fogo de Prometeu, algumas brasas ardentes haviam permanecido na Inglaterra. Isso foi o suficiente para evitar o pior. Mas nós tivemos apenas um momento de pausa. Continuamos perdidos se estas brasas e faíscas que crepitam no continente não libertarem uma chama capaz de iluminar a Europa.

Se somos entregues apenas pelo dinheiro e pelas fábricas dos Estados Unidos, de alguma forma voltaremos a outra servidão, equivalente àquela que sofremos. Não podemos esquecer que a Europa não foi subjugada por hordas de outro continente ou do planeta Marte, e que bastaria caçá-las. A Europa sofre de uma doença interna. Ela precisa de uma cura.

Ela só irá conseguir viver se tiver se libertado a si mesma, pelo menos em grande parte. Felizmente, ela não pode recorrer a uma idolatria que oporia à dos conquistadores, porque as nações escravizadas não podem se tornar ídolos. Os países subjogados podem opor ao conquistador apenas uma religião.

Se surgisse uma fé neste continente miserável, a vitória seria rápida, segura e sólida. Isso é óbvio até mesmo no plano estratégico. Nossas comunicações são feitas sobre o mar e temos que defendê-las contra submarinos. As comunicações inimigas são feitas através das populações oprimidas e se tornarão impossíveis se o fogo de uma fé verdadeira se espalhar pelo território.

Mas nem a descrição dos mais recentes aviões de bombardeio, nem as estatísticas de produção, nem a promessa de roupas ou alimentos podem preparar o surgimento de uma fé verdadeira. Existe apenas um caminho para a fé para os desafortunados, é a virtude da pobreza espiritual. Mas esta é uma verdade escondida. Pois a pobreza espiritual se assemelha na aparência à aceitação da servidão. Nisso é mesmo idêntica a um infinitamente pequeno. Sempre o mesmo infinitamente pequeno, que é infinitamente mais do que tudo.

A desgraça não é por si só uma escola de pobreza espiritual. É apenas uma oportunidade quase única de aprendê-la. Embora seja muito menos fugidio que a felicidade, passa, no entanto, e é necessário se apressar.

A oportunidade presente será bem aproveitada? É bem provável que esse problema seja militarmente mais importante do que os planos estratégicos, economicamente mais importante do que as estatísticas e as tabelas de distribuição. Hitler nos ensinou, se somos capazes de aprender, que a política verdadeiramente realista leva em conta em primeiro lugar os pensamentos.

Ele joga para o mal; seu material é a massa, a multidão. Nós jogamos para o bem, nosso assunto é o fermento. Os procedimentos conseqüentemente devem diferir.